

UMA REFLEXÃO SOBRE A NARRATIVA A PARTIR DAS NOÇÕES DE PARRESÍA E DESENTENDIMENTO

Silvio Nunes da Silva Júnior
Marta Betânia Marinho Silva

As narrativas fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos desde sempre, sejam em momentos do cotidiano, sejam no ambiente de trabalho, na esfera acadêmica, sejam naqueles dias em que o sujeito se volta para si mesmo, questionando-se, num diálogo consigo mesmo, na construção de uma narrativa singular: a sua própria vida, composta por culturas, valores e ideologias.

Sobre as narrativas, diversos autores têm se posicionado crítica e metodologicamente, fato este que nos leva a refletir, de modo não muito denso, acerca da questão. Tomamos como orientação para este estudo, de modo especial, as vozes de Foucault (2011) e Rancière (1996), com os textos: *A coragem da verdade* e *O desentendimento*, respectivamente, na tentativa de, pela compreensão do contido nesses textos, fazer uma inter-relação com uma das narrativas acadêmicas: o texto final de uma pós-graduação *stricto sensu* (dissertação de mestrado ou tese de doutorado), narrativa esta de cunho restrito e particular, e que diz muito de quem a produz e com quem dialoga, e que, sem nenhuma dúvida, narra o percurso do pesquisador na escrita de seu texto.

Com isso, também buscamos articular os dizeres dos textos apontados como base com as reflexões de Bakhtin (1988, 2003) e Volochinov (2017), no plano da teoria dialógica da linguagem, para que, a partir destes, possamos estabelecer a noção de diálogo que estamos seguindo neste e em outros trabalhos, a qual, a nosso ver, pode contribuir para as reflexões sobre as narrativas. Para tanto, buscamos, apresentar uma discussão acerca do dizer-a-verdade na construção de uma narrativa e na construção da narrativa tomada como desentendimento.

Em seu texto, Foucault entabula uma comunicação com o interlocutor, a partir do conceito de *Parresía*, o qual, em linhas gerais, significa *dizer-a-verdade sobre si mesmo* ou *fala franca*, ou seja, um dizer que, do ponto de vista de quem o enuncia, é verdadeiro. Nessa perspectiva, vale frisar que, primordialmente, “a noção de *parresía* é [...], fundamentalmente, uma noção política” (p. 9). Entretanto, Foucault afirma que, para ele, o que interessa dessa noção são “as relações de poder e de seu papel no jogo entre o sujeito e a verdade” (p. 9), por intermédio das quais se evidencia a “possibilidade de colocar a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista da prática do que se pode chamar de governo de si mesmo e dos outros” (p. 9).

Para compreensão dessa noção, intentamos fazer um contraponto com a narrativa acadêmica de que se fala mais acima (dissertação de mestrado ou tese de doutorado), ou mais detalhadamente, o percurso de sua elaboração e conclusão. Nesse sentido, enfatizamos, por exemplo, que o sujeito autor (o produtor do texto/discurso) se posiciona com uma ‘verdade’ que deseja defender, e, com ela, transforma-se, pela relação com o outro, e transforma esse outro, seja seu orientador, num nível mais próximo, sejam seu/s possível/is leitor/es em nível um pouco mais à frente (bancas de qualificação e de defesa ou leitores interessados na temática desenvolvida no trabalho).

Quando da elaboração de seu texto, pela compreensão da temática abordada por Foucault, o autor entra no jogo parresiástico, na medida em que o autor profere suas ‘verdades’ para alguém e ouve ‘verdades’ de outras pessoas (orientador, sujeitos da pesquisa, materialidades com que se depara durante a pesquisa etc.). Há, como resultado desse embate, uma representação de si (“tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se manifesta” – p. 4), a partir de estruturas entendidas como verdadeiras, obtidas por diversas ferramentas que auxiliam a análise de dados na confecção do texto final como questionários, entrevistas, diários.

Tal embate se concretiza, especialmente, na relação dialogal entre quem produz a dissertação/tese e o seu interlocutor direto (o orientador) e as interlocuções outras advindas das ferramentas utilizadas, como as citadas acima, bem como aquele diálogo entre o próprio produtor do texto/discurso e os documentos com que se depara, pelas leituras realizadas, as quais dão suporte à elaboração da sua narrativa.

Acerca desse diálogo necessário e imprescindível na construção da narrativa, ressaltamos dizeres de Volochinov (2017, p. 43), nos seguintes termos:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. (...) A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma ‘contrapalavra’.

De fato, no embate pelo diálogo estabelecido com outrem, a compreensão (“forma de diálogo”) que se constitui gera uma “contrapalavra”, a partir da qual o texto/discurso vai sendo elaborado, e as *verdades* que o produtor do texto/discurso quer enunciar vão sendo construídas.

Para um melhor entendimento sobre o conceito de diálogo do qual estamos falando, temos em Bakhtin (1992) que:

o diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam textos artísticos ou literários. Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Segundo Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.

Com o fim de cotejarmos o diálogo que neste estudo identificamos como aquele que serve a uma tomada de posição, mediante a reflexão de uma réplica e a sua refração¹, tomamos, como exemplo, excerto (slides) de um trabalho nosso em uma disciplina da pós-graduação, para o qual se deu o direcionamento de recortes para o desenvolvimento da narrativa a ser produzida. Podemos ilustrar, para fins de exemplificação do que estamos abordando neste trabalho, as nossas experiências de interlocução com nossos orientadores no tocante aos nossos projetos, sendo um de mestrado e um de doutorado.

No primeiro caso, tinha-se o objetivo de analisar como os gêneros orais poderiam ser levados para a sala de aula de língua portuguesa. Ao iniciar o processo de coleta de dados, em constante diálogo com o orientador, ficou evidente a necessidade de expandir os olhares e pensar quais possíveis alternativas podem ser desenvolvidas para sistematizar a oralidade em diferentes atividades efetuadas no plano do ensino de língua portuguesa. Na segunda ilustração, no tocante a um projeto de doutorado, em que a pesquisa ainda não tinha sido iniciada, logo pelo título apresentado, a saber: *Avaliação da Redação do Enem: análise discursiva da Matriz de Competência para a Redação do Enem e sua aplicabilidade*, deixava-se à mostra a intenção de dois caminhos a seguir: pesquisa documental (análise discursiva da Matriz) e pesquisa em sala de aula (aplicabilidade). Mediante as orientações recebidas, corroborada pela orientação da pesquisa, o recorte foi feito e, no momento, o título provisório é *Análise linguístico-discursiva da matriz de referência para a Redação do Enem*. Esse diálogo entre o professor da disciplina e, posteriormente, com a orientadora da pesquisa, gerou certa tensão, em razão de que caminho seguir (continuar com a pretensão de pesquisa inicial ou anuir às orientações recebidas?).

Ressaltamos, no entanto, que a reflexão advinda dos diálogos terminou, a nosso ver, com resultados positivos. Primeiramente, a interlocução possibilitou uma amplitude maior à pesquisa, tornando-a mais completa e, em seguida, ficou perceptível que a pesquisa documental teria precedência no percurso que se pretendia adotar. Assim, ressaltamos a importância que tem o diálogo com o/s outro/s na construção da verdade que o sujeito busca, confirmando o dizer de Bakhtin (1998, p. 153), ao afirmar que, “no campo de quase todo enunciado ocorre

1 Conforme Volóchinov (2017), um discurso refrata outro quando não se solidariza totalmente com esse discurso e o acentua de um modo particular; ou seja, refratar um discurso é conferir novos e vivos significados a um tema, por exemplo. Em se tratando, porém, de um discurso refletido, tem-se que este é objetivamente centrado em uma perspectiva dominante.

uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo (...).”

Assinala Bakhtin (2003, p. 297), ainda, de modo a concordarmos com essa declaração, que:

cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.

Salientamos também, que, segundo o estudado no texto de Foucault, corroboramos com o entendimento de que o outro tem papel constitutivo na construção da verdade na contemporaneidade; assim, o outro a quem nos dirigimos, nas diversas narrativas da vida, tem papel imprescindível, tendo em vista que o olhar do outro sobre nós nos faz refletir sobre as práticas de nós mesmos. No dizer de Foucault, o papel desse outro

nem sempre é fácil de aprender. [...] qualquer que seja esse papel, [...] qualquer que seja sua função e qualquer que seja seu perfil, esse outro, indispensável ao dizer-a-verdade sobre si mesmo, tem, ou antes diz ter, para ser efetivamente, para ser eficazmente e parceiro do dizer-a-verdade sobre si, certa qualificação (p. 8).

Tal qualificação é o que é “precisamente chamada parresia e a fala franca” (p. 8). Nesse percurso de ouvir a “fala franca” do outro, pela ação parresiástica, há as retomadas necessárias das ações, condizentes com o caminhar do processo a que está vinculado o sujeito em alguma área de sua vida; tais retomadas dizem respeito, por exemplo, aos detalhes, aos esclarecimentos, às justificativas, às reelaborações textuais (para o caso referido – elaboração de dissertação ou tese) a que o sujeito autor está submetido. Nesse sentido, compreendemos que o sujeito de verdade/s é constituído pelo/s outro/s como sujeito tal.

Ressaltamos, de acordo com Foucault, que dizer-a-verdade não é, de maneira alguma, dizer o que se pensa, de qualquer jeito; essa “verdade” é tida como negativa. Para que tal verdade seja vista e recebida como positiva, é necessário ser dita “sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo” (p. 10), bem como sendo a opinião pessoal de quem fala. Nesse percurso de dizer a verdade, em se falando da construção da narrativa acadêmica de que falamos, concordamos com a assertiva explicitada por Foucault, quando diz que “o parresiasta dá sua opinião, diz o que pensa, ele próprio de certo modo assina embaixo da verdade que enuncia, liga-se a essa verdade, e se obriga, por conseguinte, a ela e por ela” (p. 11-12). Esse não é o caminho que percorre o pós-graduando, se fizermos uma comparação com o conceito parresiástico tratado? O pesquisador enuncia uma verdade, a sua verdade, a verdade que se propõe, “assina embaixo” do que afirma, liga-se a essa verdade, argumenta, sustenta essa argumentação, defende-a, e termina por “assumir certo risco” (p. 12) junto ao outro que o avalia, na defesa do que expõe.

Nessa perspectiva, é importante vislumbrar que há, no jogo parresiástico mencionado, uma verdadeira “análise das relações complexas entre três elementos distintos, que não se reduzem uns aos outros, que não se absorvem uns aos outros, mas cujas relações são constitutivas umas das outras” (p. 10). Tais elementos: os saberes, as relações de poder e os modos de constituição do sujeito através das práticas de si (p.10) perpassam toda a elaboração de uma narrativa acadêmica, pela inter-relação necessária dos aspectos citados, os quais permeiam as fases constitutivas processuais da elaboração textual: elaboração e defesa de projeto, relação autor X orientador, posicionamento do pesquisador acerca da verdade que busca e quer defender, e todas as nuances que o processo em si deixa transparecer.

Enfatizamos, por fim, acerca da parresia, que, para que ela aconteça, “é preciso que, no ato da verdade, haja, primeiramente, a manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse; e, em segundo plano, o questionamento do vínculo entre os dois interlocutores (o que diz a verdade e aquele a quem essa verdade é endereçada)” (p. 12). Tal vínculo é, conforme o que exemplificamos, o que se mantém entre orientando e orientador ou, quando da defesa do texto final, entre o pós-graduando e a banca examinadora. Nesse aspecto, estabelece-se o jogo parresiástico que intentamos compreender e pelo qual corremos o risco de estabelecer relação com um tipo de narrativa acadêmica. Para complementar as reflexões até aqui colocadas, cabe-nos ressaltar, brevemente, as contribuições da noção de desentendimento para uma compreensão mais ampla no que concerne à noção de narrativa/s.

Se falamos em narrativas, falamos em palavras, em linguagens, e, se existem tais palavras e linguagens, existe algo que Rancière chama de *desentendimento*². Não o desentendimento de que trata o senso comum, mas aquele compreendido por se falar a mesma coisa de maneiras diferentes, como acontece em narrativas acadêmicas, por exemplo, as quais podem apresentar o mesmo tema, mas abordagens metodológicas, conceituais, por assim dizer, diferenciadas; ou seja, há variados olhares sob uma mesma temática.

É importante esclarecer que tal *desentendimento* existente nas linguagens, nas palavras não se presentifica na polissemia, pelos variados significados que uma mesma palavra possa apresentar, mas na posição de sentidos assumida pelo sujeito; tal posição pode ter como foco uma palavra, um termo, um tema tal, para um determinado estudo. Nesse sentido, um sujeito, ao se apropriar de uma temática, pelo posicionamento conceitual, metodológico, epistemológico etc., pode abordar esse tema de várias formas, ou seja, como dissemos acima: falamos a mesma coisa de maneiras distintas; assim, é a nossa reflexão, o nosso pensamento, o ponto do *desentendimento*.

Ainda de acordo com Rancière, um dos exemplos de *desentendimento* são as identidades. Se pensarmos nas narrativas como exemplo de uma identidade ligada à Estética/Arte, podemos afirmar que tal desentendimento se refrata³, mediante as variadas identidades assumidas pelos sujeitos sociais, os quais se posicionam politicamente, interagem com o outro nas suas vivências, e tais aspectos, conjuntamente, dão um caráter identitário a sua narrativa, por assim dizer, que diferencia cada sujeito na sua forma de expressar o que pretende narrar. No dizer de Rancière,

2 Conceito e título da obra de Jacques Rancière de que falamos no início deste trabalho.

3 Termo tomado de Volóchinov (1997).

“tal identificação é uma antecipação que ela deve antecipar [de] uma situação ideal, ainda não dada, da interlocução” (p. 55). Afirma o autor que “o problema está em saber se os sujeitos que se fazem contar na interlocução ‘são’ ou ‘não são’, se falam ou produzem ruído. Está em saber se cabe ver o objeto que eles designam como o objeto visível do conflito” (p. 61).

Pelo que pudemos compreender dessas duas obras, por intermédio das quais intentamos uma interação com a produção narrativa acadêmica (dissertação ou tese), é que a condução dada pelas narrativas dos autores nos conduz pelos caminhos que enveredamos na construção de uma narrativa, seja ela de que área for. Há evidente, nas duas obras, o posicionamento que o sujeito deve tomar nesse caminhar, tanto na verdade que quer compartilhar, dialogar, quanto, pela interlocução, pela forma como se expõe, mostrar-se identitariamente.

Nessa perspectiva, retomando a ideia proferida de um diálogo tensional, como o que acontece entre orientando e orientador, o qual se faz presente na elaboração de uma narrativa, nos casos exemplificados, dissertação de mestrado e tese de doutorado, torna-se importante reafirmar que, dessa tensão, desse embate, por assim dizer, o *dizer-a-verdade* vai crescendo, “ganhando corpo”, o sujeito autor vai se posicionando com as suas verdades, mesmo que inter-relacionadas às dos outros, advindas do processo de interlocução entre as partes. No fim, não é demais dizermos que, pelo diálogo, na forma aqui explicitada, o caráter identitário do autor torna-se visível, firma-se, encontra-se e se distancia com as verdades dos outros, para a construção da sua verdade, determinante da sua identidade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estética e Literatura: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- FOUCAULT, M. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. Trad. de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: 34, 2017.

Silvio Nunes da Silva Júnior

Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino e aprendizagem de línguas (UFAL) e do GENA (UNEAL). E-mails: junnyornunes@hotmail.com e silvionunesdasilvajunior@gmail.com

Marta Betânia Marinho Silva

Doutoranda em Linguística e mestre em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino e aprendizagem de línguas (UFAL). E-mail: martabmarinho@gmail.com